



ALAP 2020

IX Congreso de la Asociación
Latinoamericana de Población



9 a 11 diciembre

EL ROL DE LOS ESTUDIOS DE POBLACIÓN TRAS LA PANDEMIA DE COVID-19 Y
EL DESAFÍO DE LA IGUALDAD EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE

Morvan de Mello Moreira, Fundação Joaquim Nabuco, morvan.moreira@fundaj.gov.br

Wilson Fusco, Fundação Joaquim Nabuco, wilson.fusco@fundaj.gov.br

Migração nordestina e fecundidade paulista: seletividade e adaptação

Migração nordestina e fecundidade paulista: seletividade e adaptação

Resumo

Os diferenciais de níveis de fecundidade no Brasil guardam estreita relação com as desigualdades regionais. Nos anos recentes, os níveis de reprodução reduziram as diferenças internas, em rápido processo de convergência. Outra consequência das desigualdades socioeconômicas entre as regiões é a migração, que tem levado milhões de nordestinos para o Sudeste ao longo de décadas, principalmente para São Paulo. O significante volume de nordestinos em São Paulo tem importante efeito sobre os níveis de fecundidade paulista, assim como sobre os níveis de fecundidade do Nordeste. O objetivo deste trabalho é identificar, por meio dos dados do Censo Demográfico de 2010, os diferenciais de fecundidade entre migrantes e não migrantes e, adicionalmente, contribuir com a proposição de uma metodologia de tratamento de dados visando aplicação das teorias concorrentes de adaptação e seletividade na explicação de tais diferenciais.

Palavras-chave: fecundidade; migração; Nordeste; São Paulo

Introdução

No Brasil os diferenciais de níveis de fecundidade historicamente constituíram-se em uma feição marcante das desigualdades regionais. As mais altas taxas de fecundidade no Norte e Nordeste brasileiro, até os anos 2000, as distinguiam do restante do país, tanto em termos absolutos como na evolução ao longo do tempo. Nos anos recentes, tanto no Norte como no Nordeste, os níveis de reprodução rapidamente reduziram o diferencial regional, aproximando-se dos observados no Sudeste brasileiro, mas, ainda relativamente distante dos mais baixos níveis encontrados no país. Assim, enquanto o nível da fecundidade no estado de São Paulo em 1991 era da ordem de 2,0 filhos por mulher, declinando para 1,5 em 2010, no Nordeste era 3,7 em 1991, e 2,1 em 2010.

Fruto das disparidades regionais de desenvolvimento, as migrações de nordestinos em direção ao Sudeste mantiveram-se como corrente contínua de mobilidade populacional que remonta aos anos de 1940. No ano de 2010 o Censo Demográfico registrou 4,6 milhões de migrantes nordestinos residindo no estado de São Paulo (56,2% dos migrantes em São Paulo), dos quais 1,2 milhões de residentes há menos de 10 anos (60,2% dos migrantes fixados na década). Nesse sentido, São Paulo sempre atraiu um número expressivo de migrantes que, por sua vez, passaram a representar fração significativa de sua população.

Tratando-se de regiões com marcantes diferenças em seus níveis de fecundidade, o significante número de migrantes nordestinos que se dirigem para São

Paulo suscita a indagação do papel dos migrantes sobre os níveis da fecundidade paulista, assim como sobre os níveis da fecundidade nordestina. O objetivo deste trabalho é identificar, por meio dos dados do Censo Demográfico de 2010, os diferenciais de fecundidade entre migrantes e não migrantes e, adicionalmente, contribuir com a proposição de uma metodologia de tratamento de dados visando aplicação das teorias concorrentes de adaptação e seletividade na explicação de tais diferenciais.

Em que pese a aceitação inquestionável de que a mobilidade espacial tem impactos de curto e longo prazo no comportamento dos migrantes, não se observa consenso no que respeita às suas preferências e atitudes quanto a ter filhos. O confronto do comportamento entre residentes permanentes na origem, migrantes e não migrantes no destino constitui a base das interpretações dos efeitos da migração sobre os níveis de fecundidade das migrantes. Duas grandes perspectivas estão manifestamente presentes no processo: a adaptação, que envolve dimensões associadas a outras duas perspectivas – socialização, ruptura – e a seletividade.

A vertente da adaptação assenta-se sobre um ajustamento gradual das migrantes na área de destino, adaptando-se ao novo ambiente e incorporando normas e valores da área de recepção, situação na qual a fecundidade da migrante tenderá a se assemelhar à da população de destino.

Na perspectiva da socialização, normas e valores adquiridos na infância são dominantes na fecundidade da migrante, a qual tenderá a se assemelhar à da população não migrante de sua origem. Em condições em que a integração da migrante é lenta, que tais normas e valores são transmitidos às gerações subsequentes, e os migrantes mantêm laços estreitos com a sua área de origem, a convergência para os níveis da fecundidade da área de destino só ocorreria integralmente após sucessivas gerações.

A hipótese de ruptura assenta-se sobre estresses do processo migratório como redutor temporário dos níveis de fecundidade da migrante (condições de vida desfavoráveis, adiamento da fecundidade, afastamento do casal) retomados gradualmente ou de modo acelerado a fim de repor o tempo perdido.

Na concepção da seletividade são determinantes as características prévias da migrante em potencial configurando-as como parte particular de um grupo da população de origem, usualmente jovens, solteiras, de escolaridade mais elevada, tomadoras de risco, mais propensas a mudanças, com comportamentos e

preferências reprodutivas distintas da sua área de origem e também da área de destino, e que tenderão a apresentar fecundidade mais próxima à da região de destino.

A similitude dos níveis de fecundidade da migrante aos de sua região de origem ou aos de sua região de destino refletem a significância dos processos de socialização, adaptação, seletividade e ruptura. A princípio é de se esperar que, de acordo com os resultados obtidos, as vertentes explicativas sejam únicas. Entretanto, o caráter complementar das hipóteses subjacentes a cada uma delas introduz controvérsias, pois o impacto da migração sobre a fecundidade tanto pode se dever à seletividade como à adaptação, dificultando discerni-las claramente. Isso é particularmente verdadeiro quando as migrantes em tela são tomadas em níveis agregados, abstendo-se de distinções quanto às suas características sociodemográficas e trajetórias temporais.

Em relação a migração e fecundidade veja-se, por exemplo, Zarate, De Zarate (1975); Martine (1975); Bach (1981); Stephen; Bean (1992); Brockerhoff, Yang (1994); Kulu (2005); Genereux (2007); Sobotka (2008); Majelantle, Navaneetham (2013); Impicciatore, Gabrielli, Paterno (2020); Desiderio (2020).

Estudos incorporando relação entre imigração e fecundidade no Brasil veja-se, entre outros, Iutaka, Bock, Varnes (1971); Wong, Oliveira (1984); Bideau, Nadalin, (1985); Hervitz (1985); Cunha (1988); Levy (1991); Boccuci, Wong (1998); Gomes, Vasconcelos (2012); Signorini (2012; 2014, 2017).

Metodologia e Dados

O presente trabalho centra-se sobre a fecundidade da população migrante do Nordeste em direção a São Paulo em contraste com aquelas populações não migrantes, nordestina e paulista, tendo como fonte de dados o Censo Demográfico de 2010.

O indicador selecionado dos níveis de fecundidade das nordestinas que nasceram e sempre moraram no município de nascimento (nordestina não migrante), nordestinas que migraram para o estado de São Paulo (nascidas no Nordeste e residentes em São Paulo) e paulistas que nasceram e sempre moraram no município de nascimento (paulista não migrante) é a taxa total de fecundidade (TFT). Essa, calculada por meio das informações sobre nascidos vivos nos últimos 12 meses e

total de filhos tidos nascidos vivos segundo idades das mulheres em idade reprodutiva por meio da técnica de Brass.¹

Para a diferenciação dos efeitos de processos de adaptação e seletividade na migração sobre a fecundidade, além das taxas de fecundidade total dos grupos em comparação, foram calculadas as TFT para as mulheres de 15 a 49 anos responsáveis pelo domicílio ou cônjuges do responsável com todos os filhos tidos residindo no domicílio e as TFT para as mesmas mulheres excluídas aquelas sem filho. A opção por tal procedimento deveu-se à intenção de considerar separadamente as taxas de fecundidade das migrantes que tiveram todos os seus filhos no destino daquelas que haviam tido parte de (ou todos) seus filhos antes de chegar ao destino. A proposta aqui exposta considera que a migrante que teve todos os seus filhos no destino apresenta o que a teoria denomina de efeito de adaptação, e corresponde ao pressuposto de que teria sua taxa de fecundidade mais próxima às mulheres não migrantes do lugar de destino; em contraste, a migrante que havia tido parte ou todos seus filhos antes de chegar ao destino apresenta o efeito da seletividade ao migrar, e apresentaria maior semelhança com as taxas de fecundidade das mulheres não migrantes de seu lugar de origem, ainda que mais baixas que estas. Em função das características das variáveis censitárias usadas para os cálculos de fecundidade, foi necessário aplicar duas restrições importantes: a primeira é que somente as mulheres responsáveis pelo domicílio ou cônjuges do responsável poderiam ser consideradas no denominador, pois somente os filhos e filhas delas são identificados no domicílio; a segunda é que seria necessário saber o lugar de nascimento de todos os filhos da migrante para que a comparação entre o efeito da adaptação e da seletividade fosse realizada. Como consequência, somente os domicílios nos quais todos os filhos tidos nascidos vivos declarados eram residentes foram considerados no cálculo, o que também foi aplicado nos domicílios dos quais as mulheres não migrantes (paulistas ou nordestinas) eram responsáveis ou cônjuges dos responsáveis. Dessa forma, o possível viés de tal seleção seria o mesmo para todas as taxas calculadas, e os diferenciais observados seriam derivados dos efeitos referidos à adaptação e à seletividade.

¹Sobre as limitações da TFT enquanto medida de coorte sintética, em especial em relação à população migrante, ao se ter em conta a diversidade das razões da migração, características sociodemográficas, áreas de origem, volumes, momentos dos fluxos e tempo de residência no destino, entre outras especificidades, veja-se, por exemplo, Sobotka, Lutz (2011); Tonnesen (2019).

Resultados

Os níveis de fecundidade encontrados para as mulheres residentes no Nordeste (2,07 filhos por mulher) e aquelas residentes em São Paulo (1,67 filhos por mulher) para 2010 (Tabela 1) são conhecidos. Adicionalmente, observa-se que a TFT da nordestina não migrante (2,02) se encontra abaixo do agregado das residentes no Nordeste, o que não era esperado. De forma semelhante, o nível de fecundidade da mulher paulista não migrante, 1,53 filhos por mulher, ficou abaixo do conjunto de mulheres recenseadas em São Paulo. O fato de mulheres não migrantes terem fecundidade inferior ao do total de mulheres residentes, seja qual for o lugar de referência, será discutido mais detalhadamente no trabalho completo. As migrantes nordestinas, por sua vez, apresentaram a TFT de 1,92 filhos por mulher, medida esperada e coerente com outros estudos sobre o tema, que anunciam o valor intermediário da migrante entre as medidas da origem e do destino como um padrão.

Tabela 1 – Taxa de Fecundidade Total – Nordestina, Paulista Total e Não-Migrantes, Migrante Nordestina, com filhos tidos residindo no domicílio, com filhos tidos residindo no domicílio exclusive mulheres sem filho – 2010.²

Discriminação	2010
Todas recenseadas no Nordeste (Nordestina)	2,07
Nordestina não-migrante	2,02
Todas nordestinas residentes em São Paulo (Migrante nordestina)	1,92
Todas recenseadas em São Paulo (Paulista)	1,67
Paulista não-migrante	1,53
Mulheres com os filhos tidos residindo no domicílio	
Nordestina não-migrante	3,01
Nordestina migrante em São Paulo	2,71
Paulista não-migrante	2,63
Mulheres com os filhos tidos residindo no domicílio- exclui mulheres sem filho	
Nordestina migrante nem todos filhos nascidos em São Paulo	3,36
Nordestina não-migrante	3,28
Paulista não-migrante	3,13
Nordestina migrante em São Paulo	3,06
Nordestina migrante com todos filhos nascidos em São Paulo	2,89

Fonte dos dados básicos: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Quando a proposta de seleção de domicílios é aplicada, ou seja, quando é considerada somente a fecundidade da mulher responsável pelo domicílio ou cônjuge

² Dados do SINASC referentes a 2017 mostraram que dos 611 mil nascimentos ocorridos no estado de São Paulo aproximadamente 15% foram gerados por mulheres naturais do Nordeste e 7% de outras unidades da federação

do responsável em domicílios nos quais todos os filhos tidos nascidos vivos ainda residem, todas as medidas de fecundidade sobem: a nordestina não migrante tem em média 3,01 filhos, a paulista não migrante tem 2,63 e a migrante nordestina em São Paulo tem 2,71 filhos em média, valor intermediário entre as duas primeiras e ainda de acordo o pressuposto geral sobre diferenciais de fecundidade em migrantes. Os valores maiores encontrados devido ao método de seleção aplicado merecem considerações que serão apresentadas no trabalho final, por questão de espaço disponível.

Em seguida, os domicílios selecionados passam por uma nova restrição, separando as medidas de fecundidade das mulheres que tiveram todos seus filhos no destino daquelas que não apresentam esta característica. Assim, somente mulheres com pelo menos um filho estão no denominador desse cálculo, o que provoca, mais uma vez, o aumento da medida para todas elas. Os resultados encontrados colocam a nordestina não migrante e a paulista não migrante em posição intermediária em termos de fecundidade, com a medida da primeira (3,28) superior à da segunda (3,13), o que era esperado. O agregado das migrantes nordestinas em São Paulo passa a apresentar fecundidade média de 3,06 filhos, mais baixa do que a da paulista não migrante, o que não era esperado. Ademais, a taxa encontrada para a migrante com todos os filhos nascidos em São Paulo foi a menor de todas, 2,89 filhos, que corresponde ao efeito da adaptação da migrante ao comportamento das mulheres do destino, enquanto que as migrantes que haviam tido todos ou parte de seus filhos fora do destino apresentaram o maior número médio, 3,36, e correspondem ao efeito da seletividade ao migrar.

Conclusão

Os resultados, a princípio, suportam a hipótese de adaptação ao situar a fecundidade da migrante em valor intermediário à da população não-migrante da origem e da população não-migrante do destino. O mesmo ocorre no que respeita quando a fecundidade é aquela das mulheres em que todos os filhos tidos residem no domicílio. Neste caso, a proximidade dos níveis de fecundidade da migrante à da população não migrante do destino é maior, em contraste à sua maior proximidade à da origem quando a fecundidade diz respeito à totalidade das mulheres em idade reprodutiva. A perspectiva da adaptação é ampliada ao se observar que a nordestina migrante, e mais ainda, aquela com todos os filhos tidos nascidos em São Paulo,

apresentam taxas de fecundidade inferiores às das mulheres não-migrante da origem e do destino. A diferença destas em relação àquelas migrantes em que parte ou todos os filhos nasceram fora de São Paulo adiciona à hipótese de adaptação elementos de seletividade. Dois resultados não esperados, o nível das migrantes com todos os filhos nascidos em São Paulo mais baixo que o das paulistas não migrantes, e o das migrantes com parte ou todos os filhos nascidos fora de São Paulo maior que o das nordestinas não migrantes não são facilmente explicados, mas indicam que a separação das migrantes nos grupos em função do lugar de nascimento dos filhos é um procedimento importante para ampliar a investigação da questão em tela. Maior aprofundamento é necessário para uma melhor compreensão da interrelação entre migração e fecundidade na área de destino, o que será feito para o trabalho completo.

Referências

- BACH, Robert L. Migration and Fertility in Malaysia: A Tale of Two Hypotheses. **International Migration Review**. v.15, n.3, p.502-521, Sept. 1981.
- BIDEAU, Alain; NADALIN, Sergio Odilon. Um ensaio sobre o tema da fecundidade diferencial: famílias estáveis e famílias (i)migrantes. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.12, n.1/2, p.169-180, 1995
- BOCCUCCI, Ana Maria; WONG, Laura Rodriguez. Fecundidade vs. migração: causa ou efeito? uma aplicação ao Distrito Federal. In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1998, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 1998, p.51-73.
- BROCKERHOFF, Martin; YANG, Xiushi. Impact of migration on fertility in sub-Saharan Africa. **Social Biology**, v.41, n.1-2, p.19-43, Spring-Summer 1994.
- CUNHA, José Marcos P. Impactos da migração intercensitária em algumas características demográficas do estado de São Paulo (1970/80). In: VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1988, Olinda. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 1988, p.537-569.
- DESIDERIO, Rene. The Impact of International Migration on Fertility: An Empirical Study. KNOMAD, Paper n.36, World Bank, Washington, DC, 2020.
- GENEREUX, Anne. **A review of migration and fertility theory through the lens of African immigrant fertility in France**. MPIDR Working Paper WP 2007-008, Feb. 2007.
- GOMES, M. M. F., DIAS, T. S., VASCONCELOS, A. M. N. Fecundidade de Mulheres Migrantes e Não Migrantes no Distrito Federal: uma análise com base nas informações do Censo 2010. In: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2012, Águas de Lindóia. *Anais...* Águas de Lindóia: ABEP, 2012.
- HERVITZ, Hugo. M. Seletivity, adaptation, or disruption? A comparison of alternative hypotheses on the effects of migration on fertility: the case of Brazil. **International Migration Review**. v.19, n.2, p.293-317, Summer, 1985.
- IMPICCIATORE, Roberto; GABRIELLI, Giuseppe; PATERNO, Anna. Migrants' Fertility in Italy: A Comparison Between Origin and Destination. **European Journal of Population**, 2020.
- IUTAKA, S.; BOCK, E. W.; VARNES, W. G. Factors Affecting Fertility of Natives and Migrants in Urban Brazil. **Population Studies**, v.25, n.1, p.55–62, 1971.
- KULU, Hill. Migration and Fertility: Competing Hypotheses Re-examined. **European Journal of Population**, v.21, n.1, p. 51–87, mar. 2005.
- LEVY, Maria Stella Ferreira. A imigração internacional e a fecundidade. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.8, n.1/2, p.3-19, 1991.
- MAJELANTLE, Rolang G., NAVANEETHAM, Kannan. Migration and Fertility: A Review of Theories and Evidences. **Journal of Global Economics**. v.1, n.1, p.1–3, 2013.
- MARTINE, George. Migrant Fertility Adjustment and Urban Growth in Latin America **International Migration Review**, v.9, n. 2, p. 179-191, Summer 1975.
- SIGNORINI, Bruna Atayde. **Efeitos da migração sobre a fecundidade: um estudo comparativo entre mulheres nordestinas imigrantes em São Paulo, mulheres não-migrantes naturais do estado e mulheres não-migrantes naturais do Nordeste**. 2017. Tese (Doutorado em Demografia). Centro de Desenvolvimento e

Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

_____. Minas Gerais: diferenciais de fecundidade de imigrantes e não-migrantes entre 1986 e 2010. In: XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2014, São Pedro/SP. *Anais...* São Pedro: ABEP, 2014.

_____. **Minas Gerais: diferenciais de fecundidade de imigrantes e não-migrantes nos quinquênios 1986-1991 e 1995-2000.** 2012. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Belo Horizonte, 2012.

SOBOTKA, Tomáš. The rising importance of migrants for childbearing in Europe: Overview Chapter 7. **Demographic Research**, v.19, p. 225-248, July - December 2008.

_____.; LUTZ, Wolfgang. Misleading policy messages from the period TFR: Should we stop using it? **Comparative Population Studies**. v.35, n.3, p.637-664, Sep. 2011.

STEPHEN, Elizabeth H.; BEAN, Frank D. Assimilation, Disruption and the Fertility of Mexican-Origin Women in the United States. **International Migration Review**, v.26, n. 1, p.67-88, march. 1992.

TONNESSEN, Marianne. Declined Total Fertility Rate Among Immigrants and the Role of Newly Arrived Women in Norway. **European Journal of Population**, 2019.

WONG, Laura R.; OLIVEIRA, Juarez de C. Níveis e diferenciais de fecundidade para o Brasil segundo os dados censitários de 1980 (Notas Preliminares). In: IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1984, Águas de São Pedro. *Anais...* Águas de São Pedro: ABEP, 1984, p.2269-2320.

ZARRATE, Alvan; DE ZARATE, Alicia Unger. On the reconciliation of research findings of migrant-nonmigrant fertility differentials in urban areas. **International Migration Review**, v.9, n.2, p.115-156, June 1975.